

Editorial

Apresentação do Dossiê Espinosa

No fio do tempo e da história...

A violência nas palavras. De família portuguesa, escolhido o nome de *Bento* (ou *Baruch*) ao nascer na comunidade judaica de Amsterdã, ninguém imaginaria que Espinosa, ainda na tenra juventude e neste mesmo lugar, dela seria excomungado sob a mais violenta acusação que inverteria o sentido de seu nome, transformando-o sob a pecha de “*Maldito*”. Proscrito uma vez, e, logo depois, mais uma vez acusado de herege pela Santa Sé, Espinosa será o primeiro filósofo de origem judaica a ser incluído no *Index*. Mais ainda, ninguém imaginaria que, um século depois, a palavra “*espinosista*” seria usurpada de seu sobrenome para tornar-se sinônimo de grave acusação da qual muitos tiveram que se defender e que, contudo, não se encerrou no século XVIII, pelo contrário, persevera nas polêmicas das tantas querelas dos espi-

nosimos dos séculos seguintes.

Contudo, se no fio da história a filosofia de Espinosa é constantemente retomada no turbilhão por vezes ensurdecido de múltiplas acusações daqueles tomados pelo horror frente ao seu sistema, é preciso ressaltar todavia que sua retomada nunca é consensual e que, simultaneamente, apresentaram-se intensos elogios, por dissonantes vozes, em reinterpretações por vezes divergentes que procuraram defendê-lo, muitos dos quais nele identificaram o seu próprio projeto filosófico e por isso de se aproximaram ou, inversamente, por nele encontrarem um caminho sem volta rumo a uma filosofia encerrada em si mesma, dela afastaram-se vigorosamente para evitar o perigo de serem engolidos em sua trama geométrica, aquela “*máquina infernal*” de proeza demonstrativa inescapável.

São tão conhecidas as imagens do espinosismo, quanto são diversas e contraditórias¹. “Monstruoso ateu de sistema” ou “filósofo ébrio de Deus”; “panteísta” ou “ateísta virtuoso”; defensor de um “fatalismo inexpugnável” onde a liberdade não tem lugar ou o maior “filósofo da liberdade”; “cartesiano”, “anti-cartesiano”, “ultra-cartesiano”; fortaleza de um “idealismo absoluto” em que o indivíduo não tem lugar ou responsável pela mais potente “refundação do materialismo”, num realismo político radical, cravado no fulcro da modernidade... enfim, a lista segue indefinidamente... Malebranche, Leibniz, More, Jacobi, Kant, Hegel, Schelling, Nietzsche, Bergson, Einstein, Deleuze, Negri, Machado de Assis, Jorge Luis Borges, Clarice Lispector, Nise da Silveira... Nenhum de seus leitores parece ter permanecido incólume após atravessar o seu sistema filosófico.

Perante tantas e diversas leituras possíveis, pelo menos em

um aspecto seríamos obrigados a concordar, para lembrar em outro contexto as palavras de J. Israel: “ninguém nem mais remotamente chegou a rivalizar a notoriedade de Espinosa”². E se com essa breve descrição antevemos o eterno retorno ao espinosismo, com isso também concluímos que, mesmo no século XXI, há ainda algo revolucionário a ser pesquisado nesta filosofia que teima em nos escapar. Tal fenômeno talvez ocorra porque, especificamente, seja esta uma filosofia que levou a termo a difícil tarefa de fundamentar-se exclusivamente no difícil conceito do *absolutamente infinito ou infinito positivo como causa de si e da natureza inteira*, mantendo com isso, em seu interior, aquele mistério ao qual se referia Merleau-Ponty:

O século XVII é o momento privilegiado em que o conhecimento da natureza e a metafísica julgaram encontrar um fundamento comum. Criou

¹Sobre as diversas imagens do espinosismo, recomendo o belíssimo capítulo “A construção do Espinosismo” in *A Nervura do Real. Imanência e liberdade*, vol. 1, São Paulo: Cia. das Letras, 1999, pp. 113-330.

²Israel, J. *Radical Enlightenment: Philosophy, Making of Modernity 1650-1750*. Oxford University Press, 2001.

uma ciência da natureza e no entanto não fez do objeto da ciência o cânone da ontologia. Admite que uma filosofia sombraceie a ciência, sem ser uma rival para ela. (...) Essa extraordinária harmonia entre o exterior e o interior [da filosofia] só é possível pela mediação de um *infinito positivo*, ou infinitamente infinito (...). É nele que se comunicam ou se unem uma à outra a existência efetiva das coisas *partes extra partes* e a extensão pensada por nós, que, pelo contrário, é contínua e infinita. Se há, no centro e como que no núcleo do Ser, um infinitamente infinito, todo ser parcial está real ou iminente-mente contigo nele³.

Eis porque Merleau-Ponty toma de empréstimo o célebre mote seiscentista – que visava explicitar o desafio de compreender um universo aberto e infinito pós revolução galileiana –, deslocando-o do campo da Nova Ciência para

aplica-lo à sua compreensão de história da filosofia: “Não há uma filosofia que contenha todas as filosofias: a filosofia inteira está, em certos momentos, em cada uma delas. Repetindo a famosa expressão, *seu centro está em toda parte e sua circunferência em parte alguma*”⁴.

Se concordarmos com Merleau-Ponty que o conceito fundador do sistema de Espinosa é o absolutamente infinito, a partir do qual emerge uma extraordinária harmonia entre o “interior” e o “exterior” da filosofia, também neste mesmo conceito poderemos encontrar aquilo que, numa filosofia escrita e datada no século XVII, ou seja, escrita *a partir da e contra as* misérias e violências de seu tempo, pode atingir, para utilizar uma expressão espinosana, “um certo aspecto da eternidade” no interior do qual, *fora de seu tempo*, ele dialoga tão intensamente com as filosofias posteriores, e não somente isso, mas também dialoga com aquilo que supostamente é *exterior* à fi-

³Merleau-Ponty, M. “Em toda parte e em parte alguma” in *Signos*, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 163.

⁴Idem. p. 140.

losófia, a saber, as artes, as ciências, as políticas, enfim, a história. Mais ainda, não se restringindo ao campo acadêmico, e transitando no campo da cultura e da literatura, contra ou a favor, o “espinosismo” foi ganhando terreno e certa popularidade que tanto o invade, quanto o faz invadir a própria vida. Para lembrar novamente as palavras de Merleau-Ponty:

Assim os partidários de uma filosofia “pura” e os da explicação socioeconômica trocam de papel diante dos nossos olhos e não devemos entrar em seu perpétuo debate, não devemos tomar partido entre uma falsa concepção de “interior” e “exterior”. A filosofia está em toda parte, mesmo nos “fatos” – e não possui em parte alguma um campo em que esteja preservada do contágio da vida⁵.

2019, Brasília entrando na trama tecida pelo espinosismo

Dentre as diversas retomadas do espinosismo, um período e lugar se destacam particularmente: em Paris e Vincennes, nos anos 60 do século passado, diversos estudiosos voltam a estudá-lo, munidos de novas ferramentas interpretativas, como a análise estrutural de sistemas filosóficos goldschmiditana, a análise filosófico-filológica, e a análise filosófico-histórica. A partir do trabalho deste grupo, o espinosismo ga-

nhou força renovada e novas teses foram surgindo nas mãos de M. Guérault, A. Matheron, P. Macherey, G. Deleuze, L. Althusser... É neste contexto que, no calor de 1968 parisiense, uma jovem estudiosa brasileira, que na época fazia seus estudos de doutorado na França com V. Goldschmidt, e, frequentando Vincennes, decide dedicar-se também à filosofia de Espinosa: Marilena Chaui.

Quase meio século depois,

⁵Idem. p. 141.

tornando-se reconhecidamente uma das maiores estudosas do filósofo holandês, uma rede espinosana fortaleceu-se no Brasil, sobretudo em grupos de São Paulo, no Rio de Janeiro, no Ceará, Tocantins, Paraná... com singular importância para o Grupo de Estudos Espinosanos da USP (GEE-USP), ainda hoje sob a coordenação de Marilena. Esta rede brasileira, fortemente articulada, muito colaborou para a construção de um grupo ainda maior, contribuindo para o desenvolvimento do espinosismo na América Latina e que, no ano de 2018, comemorou seus 15 anos de trabalho contínuo realizado em encontros anuais dos Colóquios Internacionais de Espinosa na América Latina e que, atualmente, configura o maior colóquio no mundo dedicado ao filósofo.

Ora, foi justamente neste ano comemorativo de 2018 que a Universidade de Brasília conferiu à filósofa Marilena Chaui o título de doutora *Honoris causa*, promovendo um colóquio em sua homenagem. Devido à organização da vinda de Marilena à UnB e dos conferencistas que discutiriam sua obra, a UnB pode contar

naquele ano com a vinda de diversos estudiosos de Espinosa do Brasil e do exterior, o que promoveu o coletivo esforço por, finalmente, dar início aos trabalhos do Grupo de Estudos Espinosanos da UnB que, integrando-se à rede brasileira, celebrou a sua fundação com realização da *I Jornada de Estudos Espinosanos na UnB*. Foi no clima celebrativo deste primeiro encontro, intensa e afetivamente potente, que nasceu não somente o *Grupo de Estudos Espinosanos da UnB* (GEE-UnB), mas também o projeto para o *Núcleo de Estudos Seiscentistas do Cerrado*. O presente "*Dossiê Espinosa*", portanto, contando a oportuna presença e interlocução com diversos especialistas do Brasil e do exterior, congratula a criação de duas instituições que permitirão participação de docentes e discentes pesquisadores da UnB e do Centro-oeste para continuar o trabalho de perseguir, atravessar, reinterpretar e refletir a partir dessa filosofia tão única quanto histórica e potentemente revolucionária.

Entre a *Primeira Jornada Espinosana na UnB*, quando a maioria dos textos que compõem este *Dossiê* foi escrita, e o presente ano de

2019, muito se sucedeu na história política brasileira... um movimento histórico ainda inconcluso, se pensarmos nos rumos do trabalho universitário, na fragilidade do apoio ao desenvolvimento filosófico, cultural e científico. Faz-se necessário portanto, e novamente, perguntar-se sobre a filosofia, a partir do seu interior, levando-a ao limite do entrecruzamento entre a “filosofia” e seu “exterior”, como diria Merleau-Ponty. Na relação da problemática conjuntura que atualmente enfrentamos, é preciso não apenas voltar aos estudos filosóficos, mas também voltar a defender a sua importância sócio-cultural pela relação interna (*partes intra partes*) entre a filosofia e as ciências, entre a filosofia e as artes, entre a filosofia e o mundo. Mais uma vez, precisamos retomar a defesa fundamental da liberdade de pensamento e expressão – adágio espinosano por excelência – e, talvez, imbuídos de certo espinosismo renovado, encontremos um caminho de uma filosofia contagiada pela vida.

Ora, o leitor encontrará, no presente *Dossiê*, a proposta de reflexão destas mesmas relações, seja no interior dos artigos, seja

no tema nele diretamente abordado, seja na verve que o anima e inspira. Pensando nisso, propusemos um percurso temático-cronológico: os temas tratam de entrecruzamentos, notadamente no diálogo entre filosofia e ciência (Cristiano Novaes de Rezende - UFG), metafísica e história (Vittorio Morfino – Univ. Milano-Bicocca), filosofia e as artes (Henrique Xavier - USP), ontologia e ética (Rafael Teixeira - UFG), ética e política (Stefano Visentin – Univ. De Urbino e Daniel Santos Silva – Unespar), filosofia e ciências políticas e sociais (Fernando Bonadia - UFRRJ); a cronologia segue principiando por artigos que tratam especificamente do século XVII, seguindo para a recepção do espinosismo nos séculos posteriores, para, finalmente, propor o exercício da reflexão política dos tempos atuais numa perspectiva espinosana.

Que o leitor possa neles encontrar, na singularidade de cada artigo, o entrelaçamento das noções comuns que os percorre, permitindo-se vivenciar e, num pequeno passeio pela filosofia de Espinosa, vislumbrar parte da imensa multiplicidade não uní-

voca, muito menos uníssona, de pensamentos que, ao olhar atento, perfazem um conjunto em mosaico composto por distintas cores, formas, texturas, estilos e vozes, numa articulação interna somente possível porque todos compartilham de um fundamento comum, um conceito filosófico único capaz de produzir a partir de si um infinito de pensamentos distintos e singulares, mas internamente articulados, num universo de trabalhos intelectuais, individuais e coletivos, tais como os que apresentamos neste *Dossiê*. O conceito mesmo de substância única absolutamente infinita, – potência infinita da natureza inteira da qual somos parte finita, múlti-

pla e complexa, entrelaçada entre outros tantos modos finitos–, portanto, propõe uma nova *práxis filosófica* que, nascida no interior desta filosofia, nos conduz para fora dela e, inversamente, é este mesmo conceito que, numa filosofia da imanência, não permite que o “exterior” da filosofia lhe permaneça alheio e, muito menos, deixe de contagiar tanto a filosofia como a própria vida.

Que este Dossiê seja também o convite, permanentemente aberto, para o leitor participar do Grupo Espinosano recém inaugurado na UnB e de tantos outros encontros inspirados nessa filosofia.

Ericka Marie Itokazu

Coordenadora do Grupo de Estudos Espinosanos da UnB
Membro co-fundador do Núcleo de Estudos Seiscentistas do Cerrado
(Organizadora do Dossiê)

* * *

Além dos trabalhos que compõem o *Dossiê*, o presente número também conta com outras contribuições recebidas em fluxo contínuo.

(1) Helio Lopes da Silva, professor da UFOP, investiga as influências legadas pela filosofia schellinguiana no pensamento schopenhaueriano. Com isso, procura mostrar que, apesar do Schopenhauer maduro ter rejeitado a filosofia de Schelling, o jovem Schopenhauer pode ter reformulado e incorporado algumas ideias deste último.

(2) Em seu *De Dicto and De Re: A Brandomian experiment on Kierkegaard*, Gabriel Ferreira da Silva, professor do PPGFIL da UNISINOS, expõe o método de reconstrução racional de Robert Brandom e, em seguida, o aplica a Kierkegaard. Esse exercício busca explicitar os compromissos ontológicos de Kierkegaard quanto exemplificar o valor dessa ferramenta metodológica para a história da filosofia.

(3) Mario Ariel González Porta, professor titular da PUC-SP, em seu artigo “Introducción Histórica al *Psychologismusstreit*”, combate

a convicção de que a disputa em torno do psicologismo foi unívoca, teve seu epicentro nos “Prolegômenos” husserlianos e se concentrou na lógica. Em vez disso, defende que essa disputa foi um processo com diferentes etapas, tendências e núcleos temáticos.

(4) “A Antiguidade, um Erro Profundo? – Foucault, a Filosofia e suas Atitudes”, artigo de Jean Dyêgo Gomes Soares, doutor em filosofia pela PUC-RJ e professor do Centro Universitário Unihorizontes, apresenta uma interpretação para a afirmação foucaultiana de que a Antiguidade teria sido um erro profundo. Para tanto, busca explicitar o deslocamento teórico executado por Foucault na problematização do sujeito.

(5) Em seu “Sobre a centralidade e a estrutura do capítulo “Os corpos dóceis” do *Vigiar e Punir*”, Kleverton Bacelar, professor da UFBA, propõe uma hipótese de leitura na qual o mencionado capítulo cumpre uma função central no principal argumento foucaultiano da obra em questão.

(6) Por fim, Lara Pimentel Figueira Anastacio, doutoranda em

filosofia na USP, defende que a noção foucaultiana de “subjetividade” também deve ser entendida como uma crítica da razão governamental. Para tanto, após analisar a produção de subjetividade dos antigos, argumenta que a noção de subjetividade em Foucault está necessariamente vinculada à criação de um governo das pró-

prias condutas.

Gostaríamos de aproveitar o ensejo para agradecer a todos os autores, por terem honrado a nossa *Revista* com as suas produções, bem como aos membros do corpo editorial, avaliadores, editores e leitores de provas, pela fundamental colaboração na confecção da presente edição.

Os Editores

